



Modernização conservadora desnuda na ficção de Modesto Carone

Marco Aurélio Reis*

O termo “modernização conservadora” é usado nos tratados de economia, como na obra clássica de Barrington Moore Jr. (1966), para definir a transição para a modernidade que ocorre de forma evidente e até estimulada, mas sem alterar a estrutura da desigualdade. Facilmente identificável com o quadro brasileiro, o termo fora inicialmente usado para descrever grandes proprietários agrários alemães que estimularam a industrialização do país sem perder o controle do campo ou abrir mão de suas propriedades.

Aqui, país de industrialização tardia, tal modernização ganhou contornos próprios graças ao passado escravocrata e à estrutura de poder, concentrada nas mãos de famílias proprietárias de terra, muitas oriundas do período colonial, como analisam Reis (1982), ao estudar o período do café, na República Velha, e Werneck Vianna (1976), ao se debruçar sobre o período pós 1930.

Evidenciar esse quadro perverso a partir do ângulo de visão dos vencidos é um pano de fundo comum a quase todas as obras da tradição literária brasileira em que pobres, camponeses ou operários são alçados à condição de personagens centrais. Em *Resumo de Ana* (2005), romance de Modesto Carone, objeto deste trabalho, não é diferente. Novidade na obra é a elaboração crítica e sensível

* Mestrando em Teoria Literária (UFRJ).

que faz das histórias da doméstica/dona-de-casa Ana e seu filho Ciro, aparentes relatos particulares, uma aguda crítica dessa condição econômica exatamente em São Paulo, estado industrial mais avançado e mais rico do Brasil.

Este trabalho, construído a partir da fortuna crítica baseada nas leituras prévias sobre a mesma obra feitas por Areas (1997) e Bueno (2005), procura contribuir evidenciando como a trajetória de Ciro potencializa a composição da vida precária e oprimida de sua mãe, Ana. É possível fazer essa ilação, uma vez que a novela com a trajetória de Ana foi publicada antes de a história de Ciro ser anexada a ela e levada a público no romance em estudo.

Ao fazer essa análise, o presente trabalho procurará ainda enfatizar como Carone trata, de forma nada panfletária, do peso do passado escravocrata em plena modernidade brasileira.

Procurará ainda evidenciar o respeito quase litúrgico com que o autor se propõe a contar as histórias de Ana e Ciro, e como ambos, em períodos históricos diferentes, são vencidos pela modernização (conservadora) que dá a São Paulo papel de destaque no cenário econômico nacional.

O autor

Modesto Carone (1937, Sorocaba, São Paulo), professor aposentado da Unicamp (também lecionou em Viena e USP), concluiu em 2007 o relevante trabalho de traduzir toda a obra do tcheco Franz Kafka (1883-1924) para edições no Brasil. Vencedor do Prêmio Jabuti de 1999 (com o romance *Resumo de Ana*) e de 1980 (pelo livro de contos *As marcas do real*), foi aclamado pela crítica

em 1984 após lançar *Dias melhores* (Brasiliense), livro de contos considerado um dos mais expressivos lançamentos daquela década.

Também escreveu dois livros de ensaios literários: *Metáfora e montagem* (Perspectiva) e *A poética do silêncio* (Perspectiva). São dele também *Aos pés de Matilda* (1980) e *Por trás dos vidros* (2007).

Até *Resumo de Ana* sua obra era mais caracterizada pelo chamado realismo fantástico-narrativa marcada por acontecimentos inconcebíveis, inexplicáveis e que produzem estranhamento em alguns leitores –, que tem na tradição literária brasileira fortes representantes, como o mineiro Murilo Rubião. Como o autor citado, o paulista de Sorocaba Modesto Carone tem, em função de sua obra como contista, sua escrita rotineiramente sendo referenciada como sob influência da obra de Kafka.

Dias melhores é exemplar no que diz respeito à fase contista de Carone. No conto que empresta o nome ao livro de 1984, o narrador em primeira pessoa revela ao leitor que não pode sair de casa porque um atirador, camuflado em seu jardim, tenta assassiná-lo disparando tiros de espingarda. São míseros nove parágrafos, em que nada mais é acrescentado ao enredo. Ao leitor não são dadas explicações sobre as motivações do atirador. Na forma de um caleidoscópio, pistas difusas são insinuadas, levando o leitor a ser engolido por um abismo.

Talvez seja por entendimento semelhante que o crítico Antonio Candido tenha usado, ao prefaciar a edição de 1979 de *As marcas do real*, a imagem do equilibrista para descrever as “ideias que vêm ao espírito” ao ler os contos de Carone.

O equilibrista andando com tranquilidade, embora cautelosamente, na superfície que quase não existe, que pode fazê-lo cair

a cada instante para um lado e ou outro do abismo. O abismo, no caso, é o insignificante, isto é, o que não forma sentido nenhum, dissolvendo-se na assemia do nada. Meio sem fôlego, o leitor acompanha o autor no seu caminho. Vai cair? Vai seguir? (Candido. In: Carone: 1979, 6).

Em *Resumo de Ana* um outro Carone se apresenta. Diferentemente do contista, o romancista mergulha no realismo, cuja pista é dada logo na página dedicada à impressão dos dados internacionais de catalogação: “Esta obra é de ficção, a despeito de alguns fatos, pessoas, lugares e circunstâncias serem reais” (Carone: 2005, 4).

O ambiente

Outra indicação que pode levar a crer que o romance tenha inspirações de biografia familiar está na ambientação de *Resumo de Ana*. A trajetória de Ana se passa quase toda em Sorocaba, cidade natal do autor. Ciro, por sua vez, se afasta da cidade apenas em breves momentos durante a infância, quando ajuda o pai, então caixeiro viajante.

Mas que cidade é esta?

Conhecida e orgulhosa por ser conhecida como *Machester Paulista*, como sublinha Bueno (1998, 3), Sorocaba tem como característica ser o terceiro município mais populoso do interior paulista e o quarto mercado consumidor do estado fora da região metropolitana da capital, com um potencial de consumo *per capita* anual estimado em 2,4 mil dólares para a população urbana (522 mil pessoas) e 917 dólares para a rural (7,2 mil pessoas).

A cidade está presente na foto que ilustra a capa do romance: um equilibrista alemão, fazendo a travessia numa corda bamba

em direção à catedral de Sorocaba, dedicada à Nossa Senhora da Ponte (invocação única no Brasil). A foto, de 1953, foi feita pelo pai do autor, João Carone, como está informado na quarta página do livro.

São os fatos históricos marcantes de Sorocaba que também vão emprestar mais realismo à obra. Até mesmo a inusitada situação de Ciro, um dos personagens centrais, não conhecer tais fatos está presente no romance, que dedica especial atenção ao desenvolvimento econômico experimentado após a inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), em 1875, ano em que indústrias têxteis de origem inglesa instalaram-se na cidade, levando-a a ser conhecida como a *Manchester Paulista*, numa referência à cidade do noroeste da Inglaterra que entrou para a história como a primeira, durante a Revolução Industrial e ainda em 1789, a usar a tecnologia da máquina a vapor na indústria têxtil.

O romance

Narrada em terceira pessoa, a obra traz a trajetória de duas gerações de uma família pobre, cobrindo quase 100 anos de história e todo o século XX. Ana, nascida em 1887, é uma mulher sensível, ambiciosa, mas marcada pela orfandade e pela baixa escolaridade. Seu filho Ciro, que veio à luz em 1925, é um trabalhador pouco qualificado e frágil de saúde. As histórias dos dois, marcadas pela falta de dinheiro, são contadas por um mesmo narrador. O progresso que marca esse século de história em São Paulo chega a afetar a vida dos personagens, mas sem que os protagonistas experimentem expressivo trânsito social ou possam escapar da situação de desigualdade a que parecem fadados desde o nascimento.

Logo em sua apresentação, Ana é desenhada pelo narrador – declaradamente seu neto logo na primeira linha do romance (p. 15) – como vítima das práticas perversas herdadas do passado escravocrata brasileiro. Órfã aos cinco anos de idade, após os pais agricultores morrerem doentes, trabalha desde a primeira infância sem remuneração.

Aos seis anos de idade já cuidava de trabalhos domésticos significativos (na casa da família que acolhera após a morte dos pais): levantava-se de madrugada, acendia o fogão a lenha, preparava a mesa do café, varria o quintal, enxaguava a roupa numa tina d'água, passava e engomava com ferro a carvão; para lavar a louça punha-se em pé sobre um caixote de madeira porque não tinha ainda altura para alcançar a pia (pp. 16-7).

Este mesmo ranço escravocrata se revela às avessas no fim da novela de *Ciro*, quando ele demonstra preconceito racial contra o namorado da filha mais velha e seu irmão. Ambos, a propósito, mais tarde iriam se tornar seus genros.

Tudo indica que o que nesse tempo o fez padecer de fato foi o namoro da filha mais velha. Assim que o caso chegou aos seus ouvidos, *Ciro* passou a destratar-la como se ela o tivesse traído. Anita (mãe de seus seis filhos) foi à carga em favor da filha e anunciou que o namorado fazia questão de conhecê-lo, o que provava suas boas intenções. Acuado, *Ciro* concordou com a visita e não pôde evitar o susto quando viu que o futuro genro era mulato. Mesmo assim conseguiu ser gentil com o rapaz, um pedreiro discreto e educado que morava com o irmão mais novo numa vilazinha (pp. 105-6).

O trabalho pesado impede que Ana estude e galgue funções mais elaboradas. Na casa da mãe de criação, aprende todos

os afazeres domésticos e outras funções braçais. Chega a moer café para vender o pó a familiares do político Júlio Prestes, o seu Julinho, que se elegeu presidente do Brasil, mas foi impedido de assumir pela chamada revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Para os familiares do mesmo político, lavava e engomava roupa. O ordenado que recebia ia para os bolsos de sua mãe adotiva, por quem Ana mantém na obra estranho sentimento de gratidão, mas que não a impede de ir trabalhar em São Paulo capital para uma família mais abastada que aquela que a acolhera em Sorocaba após a morte de seus pais.

Na capital, trabalha como doméstica para a família de um professor. Depois como uma espécie de governanta na casa de um alto funcionário da Light São Paulo, multinacional canadense que atuou nas áreas de geração, distribuição de energia elétrica e transporte público entre 1899 e 1979. Nesse ponto, Ana se aproxima da modernização que daria fama a São Paulo como estado industrial. É a Light que vai expandir os serviços de energia elétrica na capital paulista, construindo usinas hidrelétricas indispensáveis para o desenvolvimento industrial da região metropolitana do estado. Mas essa aproximação se dá pela porta dos fundos e ainda marcada pela herança da escravidão, só que dessa vez como governanta aos moldes das escravas dos latifúndios do Império (as chamadas mucamas, que serviam dentro da casa-grande, longe da senzala e do trabalho pesado no campo). Por essa característica, Ana mime-tiza os jeitos da família rica a que serve e que chega a elevá-la à categoria de dama de companhia para óperas.

Foi durante esses anos que o cultivo da etiqueta e das formas de amabilidade encontrou nela ressonância esperada, pois agora

sua atividade não se pautava apenas pelo trabalho doméstico, repartido com os demais membros da criadagem. Fazia às vezes de dama de companhia da dona da casa, Judith [...] Mas, mais importante que tudo, Ana participava dos hábitos culturais da família. Pelo menos uma vez por mês assistia às óperas e aos espetáculos musicais do Teatro Municipal com direito à indumentária de gala e poltrona na plateia ou em camarote reservado. Embora soubesse escrever mal o próprio nome, Ana já memorizava trechos da *Traviata*, ópera que sempre a emocionou até às lágrimas, pois a história facilitava a identificação com a protagonista (p. 23).

Cabe sublinhar o cuidado com que mensagens subliminares a respeito da pobreza são transmitidas pelo autor em trechos como o que acabamos de reproduzir. No romance é derrubada a associação entre pobreza e aversão à cultura erudita. Afinal, Ana, exposta à ópera, “já memorizava trechos da *Traviata*” graças à identificação com a sofrida Violetta Valéry e seu drama social amoroso. A partir daí, é possível supor que, exposta ao teatro, Ana certamente se identificaria com Marguerite Gauthier, da peça *A dama das camélias*, de Dumas Filho, obra em que Verdi se inspirou para compor *La Traviata*. Exposta à literatura nacional, caso “não soubesse escrever mal o próprio nome”, também certamente se identificaria com Lúcia, do romance *Lucíola*, de José de Alencar. Sem essas exposições, Ana se agarrava às récitas de ópera, sobras de cultura erudita que os patrões lhe presenteavam.

O sonho de continuar a viver das sobras da família do executivo da Light morre com a prisão do seu patrão por desfalque, crime financeiro que marca um dos aspectos da modernização conservadora à brasileira, como noticiam os jornais impressos desde 1940. Nessa sina, resta a Ana apenas casar, ter filhos e morrer.

De volta a Sorocaba, Ana se casa com o padeiro Balila Baldoch, com quem tem três filhos após quatro abortos: Lazineha (mãe do narrador), Ciro e Zilda. Trata-se da segunda e da terceira décadas do século XX. Ana é dona-de-casa inicialmente cuidadosa. Balila, comerciante próspero, é cabo eleitoral de Júlio Prestes, o seu Julinho. O marido de Ana lê *O Estado de S. Paulo*, jornal símbolo do conservadorismo paulista. Sublinhe-se, lê, sinal de status para seu grupo social. Mas isso não representa refino para o padeiro, bruto e indiferente aos cuidados da esposa com a casa (mimetizando o que aprendera na casa do executivo da Light) e ao seu estranho, no ponto de vista do marido, gosto pela arte cênica. Não tardaria para o casamento de Ana ruir e a dona-de-casa divagar sobre amores fora do casamento, primeiro com João Franco, dono de uma limusine. “Ana deve tê-lo visto com frequência no armazém (de Balila) e tudo indica que desde o início se sentiu atraída por ele: sem dúvida as frustrações do casamento alimentavam as fantasias de sedução” (p. 41).

Cabe sublinhar que a sedução não se completa. Ana apenas vai procurar o motorista para dar um recado de Balila e é denunciada como mulher casada que o “assediava por toda a parte”. Como consequência, Ana se torna personagem de cenas de violência que se repetiriam até o fim de sua vida.

Quando (Ana) voltou para casa, o marido estava no armazém, onde ficou até muito tarde, as portas travadas com tranca; assim que ele surgiu na sala, ela quis dizer alguma coisa e foi esbofeteadada. Com o nariz sangrando, Ana se refugiou no quarto do casal cuja porta Balila não teve dificuldade de arrombar com o peso do corpo. Vendo-a recolhida a um canto, ele se despiu como num ritual e completamente nu surrou-a com um cinto do couro até perder o fôlego: o quarto estava escuro, mas Lazineha pôde ver a cena pela porta escancarada (pp. 41-2).

A trajetória de *Ciro*, que começará a ser contada de forma central só oito páginas depois, completa a composição e rotiniza para o leitor essa cena de violência, amplificando a precariedade da vida oprimida de Ana.

As cenas de agressão eram invariavelmente acompanhadas pelos filhos. *Lazinha* agarrada ao corpo da mãe para livrá-la das cintadas que zuniam, *Zilda* encolhida num canto escuro da sala e *Ciro* enxugando os olhos nas mangas de um macacão de flanela. O choro tornou-se uma segunda natureza para *Ciro* (p. 59).

Como resultado, Ana mergulha no alcoolismo, numa nova referência, como aponta *Areas*, à escravidão, sombra de nossa modernização tratada com sarcasmo por Machado de Assis no conto “*Pai contra mãe*”.

Do ponto de vista do enredo, apesar do contato com as classes altas, de seu desejo de ascensão social e de seu gosto pelos bens culturais, se olhado pelo traço grosso, o destino de Ana não se afastou da sorte dos escravos em geral, a partir da dispersão familiar e da pulverização secular do espaço social – apanágio das classes populares – até a autodestruição pela bebida (*Areas*: 1997, 135).

A ruína pela bebida corrói aos poucos a vida de Ana. Primeiro ela furta bebida no armazém do marido. A crise econômica de 1929, aliada aos maus negócios feitos por *Balila*, força o padeiro a controlar os estoques e, conseqüentemente, a notar o que estava ocorrendo em casa. Nesse ponto, o enredo ganha contornos dramáticos. Com o estoque do armazém fechado para seu vício, Ana pede para *Lazinha*, sua filha mais velha, comprar bebida em bar próximo de casa. O dono conhecia *Balila* e, sem suspeitar dos reais motivos

para a menina ir comprar a bebida diariamente, informa a ele que não poderia continuar vendendo bebida para uma criança, mesmo sendo ela filha de um amigo. A saída encontrada por Ana compõe um dos altos momentos da novela.

A dependência, contudo, parecia já ter destruído os freios internos e a mãe não hesitou em recorrer à boa vontade inocente de *Ciro*, então com menos de cinco anos de idade. O menino saía todos os dias de casa com uma garrafa vazia, atravessava a Rua Morros e, prestando atenção nos bondes que subiam a ladeira, andava até um botequim onde pedia ao empregado que a enchesse de qualquer marca de aguardente; enquanto acompanhava com o olhar a bebida que escorria no pequeno funil de zinco até o gargalo e caía espumando em silêncio no fundo da garrafa, ele ficava na ponta dos pés e depositava o dinheiro contado em cima do balcão de mármore (pp. 43-4).

A exemplo do caso já citado sobre violência doméstica, o drama de Ana, viciada em bebida, se completa ao longo da novela que traça a trajetória de *Ciro*, que não bebe, mas, por ironia do pobre destino, chega a trabalhar em bar e até mesmo a ganhar o sustento vendendo, de forma ambulante e clandestina, aguardente para bares. Já no fim da vida, o fantasma do vício da mãe atormenta *Ciro*, desde o momento em que ele enche os garrafões com funil de zinco nos fundos de uma chácara afastada até a hora em que passa a distribuí-los pelos balcões de bar.

A princípio, o cheiro de álcool revoltava o seu estômago e o fazia chorar, mas com o tempo ele foi se acostumando, como a tudo o mais. Anos depois, admitia que o que mais incomodava naquela atividade era a consciência que abastecia bares que visitava com a mãe na infância, vendendo a mesma bebida que havia contribuído para matá-la (p. 96).

Do início do vício, Ana caminha apressada em direção à morte em meio à doença e ao abandono, como recorda seu filho na fase adulta. Nesse meio tempo, deixa de cuidar da casa, uma das características de sua fase sonhadora. Mergulha em mais uma fantasia romântica, dessa vez com o dentista do filho (p. 46) e se afasta de vez do marido, que, falido após a crise financeira de 1929, cai na escala social, tornando-se caixeiro viajante. O que impressiona é que, sem os amigos da fase de comerciante e em meio ao rude ofício, o marido se sente até feliz (p. 45). Nesse ponto, mais uma composição apresentada na novela de Ana ganha novo contorno na de *Ciro*, atestando ser esta uma das forças do romance de *Carone*.

Até os quinze anos *Ciro* acompanhou as caminhadas do pai pelo sertão de Iguape. Os períodos na cidade eram breves e ele não insistia em voltar à escola. [...] Queixava-se de dor de cabeça e o pescoço duro comprometia a naturalidade dos gestos que se tornavam angulosos; no fim de uma jornada sem descanso, emudecia ou chorava sem fazer ruído, apertando os lábios recortados por uma linha branca sobre a qual já aparecia o buço (pp. 64-5).

A mesma força é encontrada na narrativa da morte e do enterro de Ana, composta na primeira parte.

Quando no mês de maio de 1933 ela (*Lazinha*) leu na máscara de cera do rosto da mãe que Ana estava morrendo, o pai estava na iminência de partir para uma nova viagem ao sertão do Iguape; *Lazinha* conseguiu detê-lo na porta de casa e só por essa circunstância ele assistiu ao falecimento da esposa: Ana havia completado em maio quarenta e cinco anos e cinco meses de idade. Providenciado o enterro, que foi anônimo e despojado, a cidade seguia o seu ritmo de centro industrial provinciano indiferente ao destino daquela mulher. *Balila Baldochi* sentiu a necessi-

dade de organizar com urgência o que ainda restava da família. Resolveu tirar Ciro da escola aos oito anos para treiná-lo como ajudante de viagem e pediu à madrasta Claudina que acolhesse Lazineha e Zilda em sua casa, no que foi atendido sem nenhuma formalidade (pp. 49-50).

Essa força de composição se agiganta na segunda parte, com a narrativa do velório de Ana, ausência sentida na primeira parte.

O caixão de segunda foi colocado na sala de visitas de paredes vazias e à noite apenas Ciro, o pai e Caboclo (índio fugido de manicômio que carregava as malas e abria as picadas para Baldochi na atividade de caixeiro viajante) velaram o corpo de Ana, pois Balila mandou as duas filhas irem dormir na casa de Claudina Giotto. Durante a madrugada, Lazineha acordou num sobressalto e saiu correndo pelas ruas desertas do bairro para ficar com a mãe. Ao entrar na sala do velório, viu Balila e Caboclo dormindo nas cadeiras de palha e Ciro passando as mãos no rosto de cera do cadáver (p. 62).

Cabe ressaltar que as duas novelas reunidas no romance são complementares na missão de desnudar a chamada modernização conservadora. Seus efeitos na massa ora assalariada ora informal são apresentados de forma alegórica em Ana, Ciro, Lazineha, Zilda, Balila e Anita (um dos três amores de Ciro). Diante do leitor, transcorrem cem anos de São Paulo, estado que, na definição ouvida nos anos 60 pelo paulistano Bueno, não passava de “uma locomotiva carregando 22 vagões de merda” (2005, 12). A precariedade do trabalho, a violência doméstica, o alcoolismo como sinal de derrocada de pobres desde a escravidão e os abortos espontâneos relatados na história de Ana se completam na simplória vida de Ciro, seu filho, desde o momento do anúncio de seu nascimento.

A participação do nascimento às relações sociais importantes tinha sido confiada à filha mais velha, que ia completar seis anos. O encargo era um embaraço para Lazinha, porque ela não entendia o sentido da fórmula decorada com a qual a mãe a obrigava a se apresentar a cada visita: “Tem um criadinho às suas ordens”. Apesar da relutância foi com essas palavras que anunciou o acontecimento na casa de Luizinha Maia, perto da Vila do Leão, depois de ter saltado (isso aos seis anos) no topo da rua da Penha do bonde aberto que unia o Além-Ponte ao Cerrado (p. 55).

A mesma falta de saúde pública que faz dos três partos bem sucedidos de Ana um acaso, ou mesmo uma graça divina, desfigura o rosto de Ciro. Ainda bebê, uma mosca varejeira o picou na nuca várias vezes e deixou uma bicheira no seu crânio. Sem consultar médico, Ana usa medicamento caseiro para matar os bichos da cabeça do filho e o pai recorre a um manual de medicina para tratar da pele do filho, irritada pelo remédio doméstico aplicado pela mãe. Já aos cinco anos de idade, com a mãe viciada em bebida (um agravante para a falta de saúde pública), Ciro se alimentava mal e saía no frio mal agasalhado em pleno inverno. Foi assim que teve um torcicolo, também tratado de forma caseira pelo pai, que iria marcar seu semblante por toda a vida.

Quando as dores cederam, Ciro não podia mover a cabeça sem virar também o corpo: do fim da infância à metade da adolescência seu apelido em casa e na rua foi pescoço duro. Na mesma ocasião, uma epidemia de catapora se espalhou entre as crianças do bairro e as irmãs não tiveram sequelas porque estavam protegidas por urucum em volta dos olhos. Solto pelo quintal, em Ciro ela arrebitou na córnea e para evitar o sol ele desencavou do baú de roupas velhas um boné de brim que tapava a testa. Mas o olho esquerdo ficou lesado e a visão prejudicada acentuou sua necessidade de fazer meia-volta para enxergar de lado (p. 61).

Como dito anteriormente, *Ciro* tem três relações e seis filhos, todos com Anita. Os altos e baixos emocionais e os dramas urbanos da classe pobre, protagonizados por *Ciro* e seus amores (uma de suas namoradas é presa após matar o pai e outra é tuberculosa), são pontuações para uma trajetória como trabalhador tão previsível quanto a de sua mãe na primeira parte do romance. Depois de ajudar o pai na atividade de caixeiro viajante, *Ciro* trabalha duro como balconista de farmácia e de bar, como operário da Estrada de Ferro Sorocabana, símbolo da modernização da cidade, de onde sai demitido.

Ciro chega a ser dono de gráfica, mas vai à falência na crise econômica do início dos anos 70 – associação do descontrole de gastos do governo militar com a alta inesperada do preço internacional do petróleo. Depois, trabalha como carregador e revendedor de aguardente clandestina para bares de Sorocaba. A trajetória laboral de *Ciro* é alegórica, mas é possível supor que a de sua irmã mais velha, insinuada no fim da história de Ana, não tenha sido diferente. Como já foi dito, órfã de mãe, *Lazinha* foi morar com a madrasta do pai, acompanhada da irmã mais nova.

Consciente das dificuldades dos seus protetores, *Lazinha* desde logo se sentiu pouco à vontade como hóspede e pediu que lhe arranjassem um emprego, com o qual pudesse dar conta de si mesma e da irmã *Zilda*, então com sete anos, e que o pai havia confiado à sua tutela antes de seguir viagem. O pedido correspondia à ética e às necessidades dos parentes e foi assim que, em meados de 1933, com catorze anos completos, *Lazinha* saiu da casa da avó ainda de madrugada e subiu a pé a rua dos Morros em meio a uma pequena multidão de moças e rapazes cujos rostos a escuridão ocultava, até chegarem juntos aos portões do prédio onde ela ficava de dez a catorze horas por dia costurando sacos de

café: era a Fábrica Santa Maria, propriedade da família de Paulo Emílio Salles Gomes, que àquela altura ensaiava em São Paulo os primeiros passos de sua carreira como escritor e militante de esquerda (p. 50).

Em *Ciro*, a vida de trabalhador, semelhante a de tantos outros brasileiros, é pontuada pelo peso da idade – como quando, trabalhando como carregador, nota que não pode acompanhar o ritmo dos colegas mais jovens – e pelo sonho de dias melhores para si, para as filhas e para a mulher (que queria cursar o normal para se tornar professora, mas teve de se contentar com o curso de corte e costura e o emprego numa fábrica de jeans).

Em um último encontro com o narrador, a revelação da pressão alta não tratada (p. 103) e que iria colocar um ponto final em sua história. A morte, narrada páginas depois (pp. 110-2), completa o destino de *Ciro*, que, como engrenagem de uma modernidade que o despreza, sai para trabalhar como revendedor de bebida, como em todos os seus últimos dias, dias comuns e sem aventura. Depois do trabalho, retorna para casa e enfarta, sendo encontrado pela mulher, enquanto a cidade industrial segue seu rumo.

(Anita) ainda foi capaz de desabotoar a camisa (do marido) empapada de suor, procurou reanimá-lo chamando-o pelo nome. No momento em que ele abriu os olhos e os músculos do rosto se descontraíram, a única coisa que ouviu direito foi uma pergunta: se ela sabia que ele gostava dela. Anita tinha certeza de que era uma hora da tarde e que por algum motivo estava soando o apito de uma fábrica. Não vinha de muito longe do barracão onde o marido acabava de morrer nos seus braços: chegava do centro de Votorantim, sede do império industrial da família Ermírio de Moraes (pp. 111-2).

No parágrafo final do romance, os herdeiros de Ana e sua triste herança de reveses: Ciro é enterrado pela mulher, pelas filhas, pelos genros e pelo sobrinho narrador em cemitério simples, numa tumba sem lápide e em cova errada.

Conclusão

Finda a leitura do romance *Resumo de Ana*, ao leitor fica a certeza: o quadro perverso da modernização conservadora à brasileira precisa dessas ampliações para incomodar as gerações contemporâneas. Já aos admiradores da tradição literária nacional, o fim da leitura deixa outra certeza: o romance é um presente que faz referência a essa tradição, uma vez que as histórias de Ana e Ciro se ligam diretamente aos protagonistas nacionais das obras que vão desde Manuel Antônio de Almeida, passando por Euclides da Cunha, Lima Barreto, Mário de Andrade, Dionélio Machado até chegar à escrita contemporânea de Paulo Lins e Ferrez.

Pelo exposto ao longo deste trabalho – construído a partir da fortuna crítica baseada nas leituras prévias feitas por Areas (1997) e Bueno (2005) –, fica evidente que, mais que duas novelas complementares reunidas em romance, as histórias de Ana e Ciro ganham força uma na outra. A trajetória de Ana se amplifica com a narrativa da história de Ciro, que por sua vez se revela relevante a partir da novela de Ana. Ambas marcadas pela escrita econômica, desenham um século de Brasil sob o ponto de vista da massa operária braçal, assalariada ou subempregada.

Os protagonistas, desenhados pelo autor como engrenagens da modernização, se movimentam em direção a um lamentável e previsível destino que encurta o tempo histórico compreendi-

do entre os primeiros anos após o fim da escravidão e a rotina das fábricas da industrial São Paulo dos tempos contemporâneos. Tudo isso, sem resvalar na escrita militante ou panfletária.

Por fim, cabe destacar como Carone procura respeitosa-mente o lugar dos vencidos para narrar a vitoriosa história da São Paulo industrial. Ao leitor do romance fica o convite para visitar o Carone contista e suas ácidas narrativas e torcer por um novo romance vindo das teclas de seu computador.

Referências

- AREAS, Wilma. “Resumo de Ana: uma novela de Modesto Carone”. *Letterature d’America*, Roma: v. 1, no 66, 1996.
- _____. “A idéia e a forma: a ficção de Modesto Carone”. *Novos Estudos*, São Paulo: Cebrap, no 49, nov. 1997.
- _____. “Narrativas de la experiencia (aproximación a *A hora da estrela*, *O motor da luz*, *A doença*, *Uma experiência* y *Resumo de Ana*)”. *Revista de Filología Románica*, Madri, anejo 2 (La narrativa en lengua portuguesa de los últimos cincuenta años), 2001.
- ARRIGUCCI JR., Davi. “O baile das trevas e das águas”. In: _____. *Achados e perdidos: ensaios de crítica*. São Paulo: Polis, 1979.
- ASSIS, Machado de. *Relíquias de casa velha*. Obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, v. II.
- BUENO, André. “O mosaico da memória”. *Terceira Margem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, no 12, ano IX, 2005.
- CARONE, Modesto. *As marcas do real*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Dias melhores*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOORE JR., Barrington. *Social origins of dictatorship and democracy: lord and peasant in the making of the modern world*. Hardmondsworth: Penguin, 1966.
- REIS, Elisa P. “Elites agrárias, state-building e autoritarismo”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, nº 3, 1982.
- WERNECK VIANNA, Luiz. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

